

Uma nova perspectiva em Formação: o projecto E-TERM (European Training in Electronic Records Management)

FERNANDA RIBEIRO

ABSTRACT

Em face dos novos contextos em que os técnicos e gestores de informação desenvolvem a sua actividade, questiona-se a visão que, tradicionalmente, tem enformado a formação profissional, bem como os seus desajustamentos face aos desafios que a realidade informacional dos dias de hoje coloca.

Aborda-se, de seguida, o Projecto E-TERM (European Training in Electronic Records Management) como exemplo paradigmático de uma nova perspectiva que, num modelo de formação contínua, pretende contribuir para reciclar não apenas profissionais que lidam com a informação no âmbito das organizações (arquivistas, gestores de informação, informáticos), mas também os próprios agentes produtores dessa mesma informação (gestores, pessoal administrativo, pessoal técnico, etc.).

PALAVRAS-CHAVE:

CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

FORMAÇÃO CONTÍNUA

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

PROJECTO E-TERM

RESUMO

In face of the new contexts where the information managers and professionals develop their activity, it is discussed the traditional view that governs professional training and education, as well as its inadequacy to the defeats put by the informational reality of our days. Afterwards, it is presented the E-TERM (European Training in Electronic Records Management) Project – a training course of continuous education – as an example of a new perspective. This course aims to contribute for a renewed education of those people who deal with information into the scope of any organization (archivists, information managers, computer people), but also to the information producers inside such organizations (managers, administrative people, technicians, etc.).

OS DESAFIOS DA NOVA REALIDADE INFORMACIONAL

A profissão de arquivista, bibliotecário ou documentalista, tal como tem sido tradicionalmente encarada, está hoje numa profunda crise, em virtude dos novos contextos em que é exercida, no âmbito da Sociedade da Informação.

O paradigma subjacente às chamadas "Ciências Documentais" assente na ideia duradoira, estática e unidimensional de documentação (tendencialmente identificada com mensagens em suporte papel), que está na base da formação tradicional e que tem suportado uma visão tecnicista, custodial e culturalista, ainda hoje dominante, começou, desde há muito, a ser abalado e a criar, no seu seio, os gérmens da crise e da mudança que lhe haveriam de provocar a derrocada hoje inevitável. A partir dos finais do século XIX com a fotografia, a telegrafia sem fios, o cinema e a rádio iniciou-se todo um processo que, ampliado pela generalização do microfilme após a Segunda Guerra Mundial, pelo nascimento e rápida difusão da televisão e pelo posterior desenvolvimento das Tecnologias da Informação, viria a culminar numa simbiose entre Informação e Tecnologia, fazendo emergir um novo paradigma.

As transformações económicas, culturais e tecnológicas contribuíram, pois, para uma mudança a todos os níveis da sociedade e criaram novos contextos para a produção, uso e memorização da informação, de tal forma que é hoje aceite como um dado adquirido que vivemos em plena Sociedade da Informação.

As novas tecnologias e a sua interacção dinâmica com as tecnologias precedentes trouxeram para primeiro plano um fenómeno/processo social tão antigo como o próprio Homem e durante séculos "ocultado" pelo suporte material das palavras e das imagens. Deu-se, pois, a plena "aparição" da informação social, facilmente transferível de um suporte para outro e até simultaneamente circulável em todos eles.

Esta percepção da informação como fenómeno/processo, eminentemente humano e social, permitiu também, em termos disciplinares, um redireccionar de olhares do objecto "documento" para o objecto "informação", passando a centrar-se nesta o estudo e a construção do conhecimento científico que integra um campo vasto e transdisciplinar, designado por Ciência da Informação.

A emergência da Ciência da Informação, na década de sessenta do século XX, resultou de um processo evolutivo com origem na Biblioteconomia

e na Documentação, cujo principal mentor foi, sem dúvida, Paul OTLET, um advogado belga que, já em finais do século XIX, aspirava a construir um centro de documentação que tornasse possível o controlo e a referência de toda a produção bibliográfica à escala mundial, a que deu o significativo nome de Mundaneum¹. O sistema de informação concebido por Paul OTLET, com a colaboração, entre outros, de Henri LA FONTAINE, já não era uma biblioteca tradicional onde se reuniam fisicamente documentos, maioritariamente livros e publicações periódicas, mas sim um centro difusor de informação, em que os aspectos do acesso e da difusão eram absolutamente predominantes².

A evolução, na continuidade, das ideias e das práticas defendidas por Paul OTLET, que se consubstanciavam na noção de documentação por ele perfilhada, conduziu ao nascimento, nos Estados Unidos da América, da *Information Science*³, paradigmaticamente definida por Harold BORKO, em 1968, num artigo clássico intitulado *Information Science – what is it?*⁴, da seguinte forma:

«Ciência da Informação – a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem o fluxo informacional e os meios de processamento da informação para a optimização do acesso e uso. Está relacionada com um corpo de conhecimento que abrange a origem, colecta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação. Isto inclui a investigação, as representações da informação tanto no sistema natural, como no artificial, o uso de códigos para uma eficiente transmissão de mensagens e o estudo dos serviços e técnicas de processamento da informação e seus sistemas de programação. Trata-se de uma ciência interdisciplinar derivada e relacionada com vários campos como a matemática, a lógica, a linguística, a psicologia, a tecnologia computacional, as operações de pesquisa, as artes gráficas, as comunicações, a biblioteconomia, a gestão e outros campos similares. Tem tanto uma componente de ciência pura, que indaga o assunto sem ter em conta a sua aplicação, como uma componente de ciência aplicada, que desenvolve serviços e produtos»⁵. A esta definição, extensa e englobante, acrescenta ainda a significativa afirmação: «(...) a biblioteconomia e a documentação são aspectos aplicados da ciência da informação».

A construção científica desta área disciplinar, que toma como objecto de estudo a Informação, tem-se feito, desde a década de sessenta do século XX até aos dias de

hoje, de uma forma não isenta de controvérsia e de ambiguidade, quer quanto ao seu carácter inter, multi ou transdisciplinar, quer quanto à identidade dos profissionais com ela conotados. Não cabendo aqui um desenvolvimento sobre esta problemática, importa contudo anotar alguns aspectos que evidenciam a incipiente fundamentação epistemológica e teórica desta área do saber, levando diversos autores a considerá-la como uma ciência ainda emergente⁶ e, portanto, não consolidada: por um lado, tem-se assistido a uma marginalização (ou mesmo auto-marginalização) da Arquivística e dos arquivistas no processo evolutivo da Ciência da Informação, numa procura de afirmação de identidade científica, sem uma sólida base teórica de sustentação; por outro lado, também não há consenso científico sobre a unidade epistemológica da área, o que favorece posições de entendimento da Ciência da Informação como uma interdisciplina; por outro lado ainda, permanecem visões sustentadas pelo paradigma tradicional, que aceita apenas a Informação registada (Documentação) como objecto de estudo⁷, reduzindo assim toda a compreensão do fenómeno informacional a um epifenómeno do mesmo, o que produz necessariamente efeitos perversos de um ponto de vista científico.

Apesar deste quadro multi-facetado, que brevemente enunciámos e que nos leva ao entendimento da Ciência da Informação como uma área ainda jovem ou mesmo emergente, não restam dúvidas quanto aos novos contextos em que socialmente se gera, manipula e conserva a Informação, o que conduz (está a conduzir) mais ou menos rapidamente a uma mudança de paradigma. A nova realidade informacional coloca, inevitavelmente, problemas inusitados a que a "teoria" (ou falta dela!) subjacente às Ciências Documentais não consegue dar resposta. A par, pois, de uma renovação paradigmática, em termos epistemológicos, que se vem processando através de nichos de investigação académica e no âmbito de projectos de pesquisa, da instituição de departamentos ou escolas de *Information Studies* no seio de universidades, da proliferação de publicações dedicadas às problemáticas informacionais etc., assistimos também a um reequacionar e reajustar da formação, em resposta aos novos desafios que é necessário enfrentar.

A NECESSIDADE DE RECICLAR A FORMAÇÃO

Em consonância com o paradigma histórico-tecnicista, herdado da Revolução Francesa e consolidado ao longo dos séculos XIX e XX⁸, a formação dos

bibliotecários e dos arquivistas começou por ser obtida, pela prática quotidiana, nas instituições vocacionadas para a salvaguarda do património documental das nações, destacando-se as bibliotecas e os arquivos nacionais como locais privilegiados para obter essa formação. Tratava-se, acima de tudo, de uma via destinada ao exercício de uma profissão, mais do que a aquisição de saberes tendentes a estimular o estudo e o conhecimento numa determinada área disciplinar.

Na maioria dos países, a formação de arquivistas e bibliotecários tardou a institucionalizar-se no seio das universidades, mas não deixou de ser assegurada noutras instâncias organizacionais, nomeadamente as associações e as escolas profissionais, promotoras de cursos, essencialmente práticos, onde eram fornecidos os conhecimentos básicos e de actualização para o exercício da actividade no mundo do trabalho.

Conhecem-se, no entanto, alguns exemplos pioneiros da introdução da Arquivística e da Biblioteconomia em contextos universitários. Em Itália, por exemplo, o ensino da Arquivística deixou de estar sob a tutela exclusiva dos arquivos de Estado ainda em finais de Oitocentos. Na Universidade de Bolonha, o Professor Carlo MALAGOLA dá o título de "Arquivística" a uma parte das suas lições e, na Faculdade de Jurisprudência da Universidade de Macerata, o Professor de Paleografia e Diplomática, Lodovico ZDEKAUER, é autor de um trabalho intitulado *Nozioni archivistiche generali*, o qual constituía um apêndice ao seu *Schema delle lezioni di paleografia e diplomatica*⁹.

No que respeita à Biblioteconomia, também surgiu, ainda no século XIX, por iniciativa de Melvil DEWEY, um curso de formação para bibliotecários na Universidade de Columbia¹⁰. Porém, o ensino universitário destinado a estes profissionais só começa a ganhar algum incremento a partir de 1926¹¹ e apenas na década de 40 se pode considerar institucionalizado, quer nos Estados Unidos, quer na Europa, passando a haver cursos médios (*Undergraduate Major in Librarianship*), superiores (*Bachelor's Degree*) e de pós-graduação (*Master Degree*) em diferentes escolas.

Segundo Robert HAYES, o reconhecimento da Ciência da Informação na área universitária, ainda não em nome, mas de facto, remonta a meados dos anos cinquenta do século XX e verifica-se na Western Reserve University, sob a supervisão de Jesse SHERA. A partir dos anos sessenta, o panorama da formação tende a diversificar-se, os cursos multiplicam-se e os modelos e os *curricula*

evoluem rapidamente, não sendo fácil identificar tendências e linhas estruturais estáveis, até porque os contextos sociais, económicos e culturais estão a ser grandemente influenciados pela revolução tecnológica em acelerado crescimento. Aparecem também programas de estudos com a designação expressa de "Ciência da Informação", particularmente nas universidades americanas, embora alguns deles integrados em escolas de Biblioteconomia .

A década de setenta é claramente o período que marca a implantação da Ciência da Informação, enquanto área disciplinar, no panorama da formação académica. É a época do surgimento dos cursos, escolas e faculdades de *library and information science* ou de *library and information studies*, correspondendo quer a um redireccionamento e renovação dos *curricula* em instituições de ensino já existentes¹³, quer ao aparecimento de novas realidades com o fim deliberado de implantar uma área de estudo à procura do seu campo próprio. Mas, nessa tentativa de afirmação, a Ciência da Informação, se por um lado procura cada vez mais criar raízes, demarcar território e desenvolver uma "cultura" científica, ou seja, implantar-se como um campo de saber com identidade própria, por outro lado não consegue congregiar nessa "luta pelo seu espaço" todas as disciplinas que partilham o mesmo objecto e, por isso mesmo, se situam numa área comum. O desenvolvimento da Ciência da Informação faz-se, nitidamente, com os bibliotecários especializados e os documentalistas mas deixa de fora os arquivistas, pese embora o facto de existirem alguns casos de escolas a ministrar uma formação generalista que se destina aos vários tipos de profissionais.

Apesar da variedade de modelos de formação que têm vigorado nas últimas décadas, a verdade é que a percepção da necessidade de rever cenários tradicionais e de criar cursos capazes de formar profissionais para enfrentar os novos problemas surgidos por força da emergência da Sociedade da Informação não passou despercebida às grandes organizações internacionais, tutelares das políticas e estratégias de informação. Assim, a partir de 1974 e grandemente estimulado pelo apoio da UNESCO, assistimos ao desencadear de um movimento em favor da harmonização das formações, que culminou com o Colóquio realizado na Library Association, em Londres, no ano de 1987, organizado pela IFLA, a FID e o CIA e financiado pela própria UNESCO¹⁴. Tendo origem numa primeira proposta, enunciada em 1974 aquando da Conferência do NATIS realizada em Paris, os esforços no sentido da promoção de encontros internacionais devotados à harmonização

dos programas de ensino e formação iniciaram-se com a Conferência da IFLA, realizada em Copenhaga (1979).

A realização de encontros para reflexão e debate foi também acompanhada da produção de estudos, quer com a finalidade de cartografar problemas, quer com o objectivo de propor modelos formativos, mas, na realidade, não se concretizavam os projectos e as recomendações dos encontros internacionais que convergiam para a chamada harmonização dos programas de ensino, pois era evidente a marginalização da Arquivística. Nos anos oitenta, ocorre, porém, uma mudança de perspectiva, perceptível, por exemplo, nos trabalhos desenvolvidos no âmbito do Programa Geral de Informação, patrocinado pela UNESCO, a saber: em 1979, Michael COOK e Bruno DELMAS elaboram dois relatórios sobre a formação dos arquivistas e as possibilidades de harmonização de programas de ensino¹⁶; no ano seguinte, é editado o relatório final do encontro realizado em Paris também em 1979¹⁷ e dedicado ao problema da harmonização dos programas de formação para arquivistas; em 1982, é designado novamente Michael COOK, para elaborar princípios orientadores da concepção de *curricula* destinados a arquivistas¹⁸, sendo já notória a aproximação com o "mundo da informação", perspectiva, aliás, claramente assumida pelo mesmo autor alguns anos depois, quando elabora os conhecidos *Guidelines on curriculum development in information technology for librarians, documentalists and archivists*¹⁹.

O debate, os estudos e as resoluções da UNESCO em prol da harmonização das formações, apesar de terem congregado esforços vários a nível internacional, não surtiram efeitos práticos relevantes. Carol COUTURE afirma mesmo que «apesar de toda a energia desdobrada em torno do conceito da harmonização e apesar da criação de duas escolas "harmonizadas", uma no Senegal, a outra no Ghana, é preciso reconhecer que este conceito foi muito pouco aplicado e que o balanço dos organismos iniciadores conta mais publicações do que acções concretas»²⁰. No caso da Arquivística parece mesmo que a tendência para a harmonização se atenuou em finais da década de oitenta, surgindo uma corrente defensora da autonomia disciplinar e da procura de uma identidade profissional específica²¹.

Esta breve incursão pelos caminhos da formação profissional para a área da Informação permite-nos perceber que, actualmente, se vive um momento de indefinição, conducente a uma encruzilhada sem um destino muito claro.

O carácter emergente do campo científico, bem como a incipiente fundamentação teórica e epistemológica não trazem, obviamente, luz ao túnel que se interpõe nessa caminhada. Mas a procura de vias para a reciclagem da formação tradicional é um imperativo que não pode deixar de se cumprir, sob pena de se perder irremediavelmente um espaço promissor no mercado de trabalho para uma profissão de futuro.

Reciclar a formação passa pelo *design* de novos *curricula*, alicerçados numa fundamentação epistemológica e não em meras colagens de disciplinas, com nomes mais ou menos pós-modernos. Passa também pelo incentivo à investigação, sem a qual a docência não cumpre a sua verdadeira função. Mas, além disso, pode e deve concretizar-se, igualmente, através de cursos e acções de formação contínua, que constituam espaços de reflexão e de debate com vista a uma mudança de paradigma.

O PROJECTO E-TERM

Com o objectivo de ilustrar o modo como pode ser concretizada a mudança no tocante à formação profissional, inclui-se neste último ponto uma descrição suficientemente esclarecedora do Projecto E-TERM, desenvolvido precisamente com o intuito de disponibilizar um modelo de formação contínua, destinado a preparar profissionais para actuarem nos novos contextos informacionais, especialmente no seio de sistemas de informação arquivística.

Na sequência do European Experts' Meeting on Electronic Records²², que teve lugar na Holanda, em Junho de 1997, e do Forum que se realizou, um ano depois, no Public Record Office, em Londres²³ – dois encontros em que o problema da formação profissional foi especialmente debatido, particularmente quanto às competências requeridas para lidar com informação electrónica –, surgiu a ideia de desenvolver um curso de âmbito europeu, passível de ser leccionado por qualquer entidade académica ou instituição responsável em matéria de formação arquivística, destinado a fornecer uma base de conhecimentos suficiente para implementar estratégias de uso e preservação de informação electrónica, nas mais diversas organizações, numa lógica que enfatiza a informação na gestão, como recurso estratégico fundamental.

A ideia começou a tomar forma e, em Março de 1999, foi possível reunir em Amesterdão representantes de diferentes instituições de ensino da

Arquivística e formalizar uma candidatura ao Programa LEONARDO DA VINCI para concretizar o desenvolvimento do curso, que se consignou sob a sigla E-TERM (European Training in Electronic Records Management).

A proposta submetida obteve a aprovação do financiamento solicitado, para um período de dezoito meses com início em Janeiro de 2000, tendo o projecto como parceiros a Netherlands Archiefschool (Holanda), que foi também a entidade coordenadora do mesmo, a University College of London (U. K.), a University of Northumbria, de Newcastle (U. K.), a Fachhochschule, de Potsdam (Alemanha), a University of Tampere (Finlândia), a Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Portugal) e o Ufficio Central per i Beni Archivistici (Itália).

O E-TERM teve como **objectivos** centrais o desenvolvimento de um modelo europeu para formação na área da informação electrónica, a elaboração de um *curriculum*-base para tal formação e o teste do mesmo modelo através da realização de cursos-piloto em três das seis instituições envolvidas no projecto²⁴.

O desenvolvimento do E-TERM contou com experiência anteriormente acumulada, por parte de alguns dos parceiros envolvidos. Com efeito, a Archiefschool de Amesterdão, a Universidade de Northumbria, a Fachhochschule e a Universidade de Tampere haviam colaborado, entre 1997 e 1999, num outro projecto financiado pelo Programa SÓCRATES – o RECPRO – de que resultaram alguns materiais para apoio curricular a universidades que desejassem promover o ensino na área da gestão de informação electrónica²⁵. Nesta mesma linha de acções, a Archiefschool de Amesterdão também começou a leccionar, em 1997, um curso de formação contínua, composto por um ciclo de cinco seminários com a duração de um dia cada, tendo elaborado um manual de apoio ao mesmo curso e compilado materiais didácticos (textos de apoio) e bibliografia de referência²⁶. Este curso holandês foi adoptado como base de trabalho para desenvolvimento do E-TERM, propondo-se este continuar, ampliar e adaptar os cinco seminários do referido curso ao novo modelo de formação em estudo²⁷.

Para uma melhor compreensão da plataforma em que o E-TERM assentou, vejam-se, em síntese, os conteúdos básicos dos cinco seminários que integravam o curso da Archiefschool:

Seminário 1 A mudança de perspectiva e o novo papel do arquivista	Conteúdos principais: Principais problemas que o arquivista tem de defrontar e seu papel no seio das organizações; as tecnologias de informação e comunicação (TIC) nas organizações
Seminário 2 Os aspectos arquivísticos	Conteúdos principais: O sistema de informação arquivo e o <i>continuum</i> da produção informacional em substituição da visão clássica tripartida (arquivo corrente/arquivo intermédio/arquivo definitivo)
Seminário 3 Os aspectos administrativo-legal e organizacional	Conteúdos principais: A estrutura e as competências da organização e respectivo quadro legal de suporte, como contexto orgânico-funcional da produção de informação
Seminário 4 Design e gestão de arquivos digitais	Conteúdos principais: Estratégias e instrumentos para implementar soluções: a arquivagem do correio electrónico, a manutenção de bases de dados, a conservação de ficheiros electrónicos e suas implicações ao nível tecnológico
Seminário 5 Perspectiva estratégica: política informacional	Conteúdos principais: Estabelecimento e implantação de um plano estratégico, adaptável a eventuais desenvolvimentos futuros da política informacional definida para a organização

O consenso gerado para a elaboração do E-TERM deveu-se, essencialmente, ao interesse comum dos diferentes parceiros nas questões da formação dos arquivistas e dos chamados gestores de informação (*records managers*) e ao reconhecimento da necessidade de incorporar nos conteúdos do ensino as problemáticas novas suscitadas pela informação electrónica. Neste sentido, o E-TERM não se confinou à formação contínua de arquivistas, mas pretendeu englobar também os produtores da informação (gestores e administrativos) e, ainda, aqueles que intervêm na organização e representação da informação, como é o caso dos especialistas em tecnologias da informação e comunicação, *vulgo* informáticos. Uma vez concluído o curso com sucesso, os formandos deverão estar aptos a implementar estratégias e políticas informacionais tendentes a otimizar o funcionamento dos sistemas de informação nas organizações onde trabalham, desde o momento da produção até à fase de conservação permanente da memória organizacional.

O desenvolvimento do E-TERM centrou-se, numa primeira etapa, na análise e avaliação do curso holandês, pelos diferentes parceiros. Este procedimento permitiu detectar algumas lacunas e inventariar problemas relevantes e especificidades da situação particular de cada um dos países representados no projecto, com vista a um melhor ajustamento do curso à realidade europeia em geral.

A compilação dos comentários resultantes da avaliação do curso holandês foi sistematizada em texto e discutida num encontro, realizado em Amesterdão, em Abril de 2000, no qual estiveram representados todos os parceiros.

Apontaram-se como essenciais os seguintes problemas:

- vantagem em converter os cinco seminários em cinco módulos;
- necessidade de elaborar um glossário, monolíngue, que viria a ser transposto para outras línguas, sendo usados os respectivos termos equivalentes e não uma tradução literal, pois a terminologia é o resultado de uma conceptualização e nem sempre há unicidade nas diferentes línguas;
- uma vez que o curso requer bastante perícia no uso das tecnologias, aspecto que pode não ser muito da familiaridade dos arquivistas de alguns países, deveria ser considerada a hipótese de se definir um perfil-padrão para os candidatos ao mesmo; por outro lado, a falta de conhecimentos e de formação em matéria arquivística, por parte de possíveis candidatos da área administrativa ou de peritos em tecnologias da informação e da comunicação, também contribui para a necessidade de definição do perfil dos candidatos;

– a necessidade de elaborar um guia para os formadores foi também apontada como um aspecto absolutamente essencial, sobretudo porque o curso está pensado para poder ser leccionado, quer em modelo presencial, quer à distância.

Partindo das questões suscitadas pela avaliação do curso holandês, a equipa do projecto definiu a estratégia para uma nova etapa, destinada à preparação dos materiais didácticos de suporte ao curso e à pesquisa de *software* de ensino à distância adequado aos requisitos do mesmo. Estabeleceu também como prioridade a criação de um *website* para trocar e disponibilizar informação relativa ao E-TERM. Redefiniu ainda a estrutura do curso, que passou a incluir um Módulo 0, de homogeneização, para estabelecer a troca de conhecimentos entre formandos com diferente *background*.

Numa segunda reunião da equipa, em Londres, foi feito o ponto da situação face ao desenvolvimento dos trabalhos. Por essa altura, foram analisadas duas aplicações informáticas para ensino à distância, definiu-se a constituição de grupos de trabalho para compilarem *textos, casos e conceitos* e delinearum-se as características gerais do *website* do E-TERM²⁸. Seguiu-se um período de trabalho em que as instituições escolhidas para testar o curso, em regime de experiência-piloto, se dedicaram à preparação dessa actividade, tendo os cursos funcionado entre Junho e Agosto de 2001²⁹. A forma como decorreu a leccionação do curso em cada uma das instituições variou substancialmente, o que veio enriquecer o projecto, do ponto de vista da componente didáctico-pedagógica.

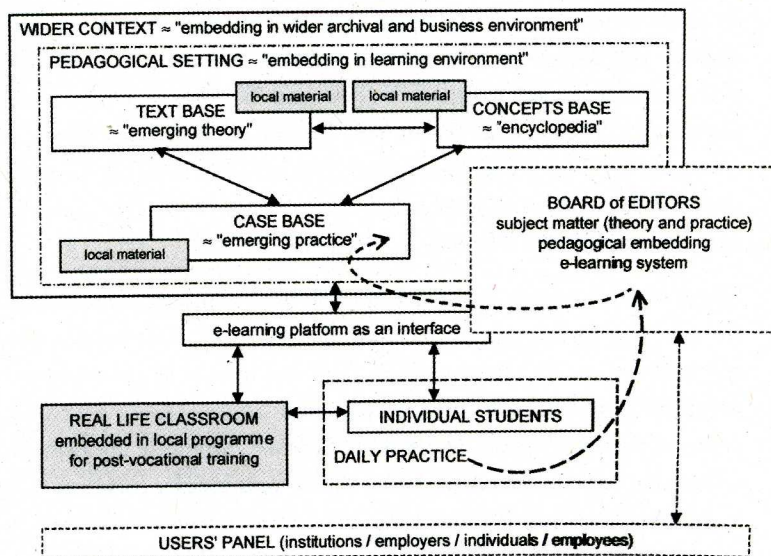
Estas experiências permitiram uma avaliação do próprio projecto, suas virtualidades e pontos mais débeis, bem como uma revisão global do produto final, que se consubstanciou numa espécie de protótipo de curso, susceptível de ser adaptado a realidades locais ou regionais com características diferentes.

O modelo de ensino foi preparado, quer para poder ser posto em prática num ambiente de escola tradicional – sessões em sala de aula com a duração de um ou dois dias para cada módulo, às quais se segue um período de trabalho e estudo em casa, de acordo com objectivos definidos –, quer para ser leccionado à distância, com suporte de *software* específico, via Internet, podendo, nesta situação, haver uma interacção permanente professor/aluno, para esclarecimento de dúvidas, fornecimento de orientações para o trabalho a desenvolver, etc.

Quanto aos materiais didácticos, o E-TERM conta com:

– o *curriculum* propriamente dito, organizado em módulos (ver anexo);

FIGURA 1

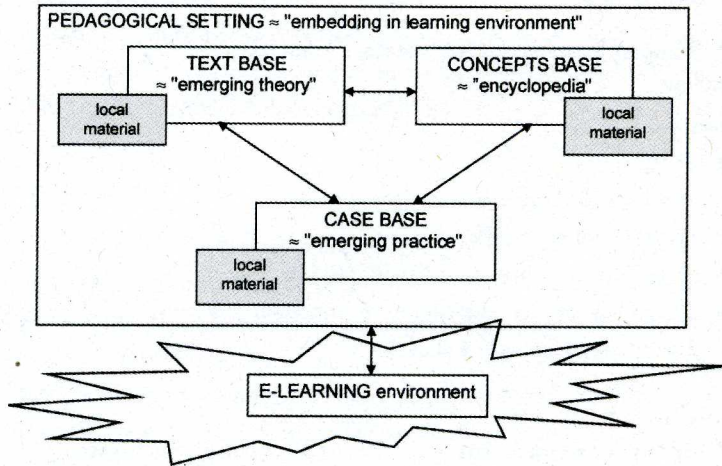
E-TERM e-learning model

- uma compilação de textos e de outro tipo de informação (páginas WEB, por exemplo), seleccionados em função dos conteúdos de cada um dos módulos;
- estudos de casos, com particular interesse para as problemáticas abrangidas;
- uma terminologia multilingue, que integra os termos e respectivas definições aplicados no âmbito do curso;
- um ambiente de *e-learning*, passível de proporcionar a leccionação do curso à distância.

As figuras 1 e 2³⁰ ilustram as características do curso e permitem perceber as principais componentes do modelo pedagógico desenvolvido.

FIGURA 2

**E-TERM e-learning model:
the 4 core components**



Este projecto permitiu a concretização, através de um curso de educação contínua, de uma série de pressupostos teóricos assumidos pela equipa que o desenvolveu. Particularmente interessante foi a sintonia entre os diversos parceiros sobre a necessidade de transmitir, via ensino, uma nova perspectiva de abordagem dos problemas de gestão da informação, tendo em conta particularmente os contextos tecnológicos em que ela é gerada, manipulada e preservada. O facto de ter sido um projecto financiado pela União Europeia teve ainda, como mais-valia, a facilidade de disseminação dos resultados³¹ e a utilização do produto desenvolvido pelas instituições académicas que tenham interesse em leccionar este tipo de curso.

ANEXO

Do curriculum do E-TERM seleccionámos as partes relativas aos conteúdos de cada um dos módulos. Por uma questão de fidelidade ao texto, decidimos manter a versão original, em inglês.

Curriculum Modules:

Module 0: Building Partnerships (pre-seminar modules)

Sub-Module 0-1

Sub-Module 0-2

Sub-Module 0-3

Module 1: Impact ICT on recordkeeping

Module 2: The Recordkeeping Perspective

Module 3: Legal, Administrative and Organisational Aspects

Module 4: Design and implementation of recordkeeping systems

Module 5: Records Management Policy

Sub-Module 0-1:**Recordkeeping concepts for non-recordkeeping professionals**

Teaching recordkeeping concepts to administrators, ICT professionals and other non-record-keeping professionals that attend the course.

The sub-module might be also valuable for archivists and records managers to learn about new notions.

- Records are not just data; records as key elements of a business process
- Why keeping records: accountability, memory, administration
- Why preserving records over time: records as societal and cultural assets
- Requirements for recordkeeping, recordkeeping in an electronic environment
- The recordkeeping profession

Sub-Module 0-2:**Concepts and trends in ICT for non ICT professionals**

Teaching main ICT concepts and trends to recordkeeping professionals and administrators

- Architectures: hardware, software, netware, operating systems, databases, office automation. Compatibility, standards. Storage facilities.
- Local area networks, internet, intranet
- Groupware systems, document management, workflow
- Data warehouses, data mining
- Trends

Sub-Module 0-3: concepts and trends in business operations

Overview how organisations carry out their business, and what they want to achieve through ICT

- Strategic use of ICT in organisations; e-commerce, e-governance
- Government Information Locator systems
- Improvement of work processes; business process redesign / re-engineering
- Teleworking, flexible workspace in offices

Module 1

The impact of ICT on business processes requires a change of perspective and the new role of the archivist

- Introduction to the seminar; definition of problems and opportunities; position of the archivist
- Relationship between information and business processes. Primary and secondary business processes. The special position of archives as a source of information and knowledge. Accountability and memory. Form and content. Context.
- Changes in use and flow of information through an organisation and between the organisation and its environments; first identification of archival consequences
- Information strategy planning and automation planning. Recordkeeping as an aspect of quality
- Policy perspective: which strategies are possible to deal with the problems effectively?

Module 2

The archival aspect: the added value of recordkeeping

- Position of the archivist / records manager
- Electronic records; differences and similarities with the paper world
- Life cycle models
- Concepts of "intellectual control - administrative control" and "physical control"
- Relationship of records with business processes; primary and secondary business processes; the function of information; form and content; context
- Concepts of "record-keeping system", "record-keeping function" and "archival function"

- Context and metadata
- A framework for the following three seminar days
- Policy perspective: which strategies are possible to deal with the problems effectively?

Module 3

The business perspective. Administrative, legal and organisational aspects

Legal aspects

- The specific nature of public administration
- The legal framework
- Interests at the basis of recordkeeping
- The legal and administrative requirements for recordkeeping

Organisational aspects:

- Changing organisation
- Roles in information and records management
- Protecting recordkeeping (archival) interests

Module 4

Design and management of electronic recordkeeping systems

- Specifications for good electronic records management
- Analysis of the desired situation
- Digital repositories
- Management of recordkeeping systems development and implementation
- Relevant information management strategies, including data protection

Module 5

Policy perspective:

- Aim of a records management policy
- Establishment of a records management policy plan
- Implementation of a records management policy plan
- Enforcement of the policy plan
- Adaptation of policy to future developments

NOTAS

¹ Sobre o Mundaneum e a sua actividade, ver: RIEUSSET-LEMARIÉ, Isabelle – "P. Otlet's Mundaneum and the international perspective in the history of documentation and information science". *JASIS – Journal of the American Society for Information Science*. New York. ISSN 0002-8231. 48:4 (Apr. 1997) 301-309.

² A este propósito, ver: RAYWARD, W. Boyd – "The Origins of information science and the International Institute of Bibliography/International Federation for Information and Documentation (FID)". *JASIS – Journal of the American Society for Information Science*. New York. ISSN 0002-8231. 48:4 (Apr. 1997) 289-300.

³ Sobre a origem e evolução da Ciência da Informação, ver: SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda – *Das "Ciências" Documentais à Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Edições Afrontamento, 2002. ISBN 972-36-0622-4. Cap. 2, ponto 1.

⁴ BORKO, Harold – "Information Science – what is it?" *American Documentation*. Washington. 19:1 (Jan. 1968) 3-5.

⁵ Citado de: FROELICH, Thomas J. – "Challenges to curriculum development in Information Science". In CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 1, Porto, 1985 – *A informação em tempo de mudança: actas*. Porto: BAD, 1985. Vol. 2, p. 488.

De notar que a definição de Harold BORKO retoma, aperfeiçoando-a com ligeiras, mas significativas alterações, a definição surgida nas conferências do Georgia Institute of Technology, realizadas em Outubro de 1961 e Abril de 1962, a qual pode ser vista em: SHERA, Jesse H.; CLEVELAND, Donald B. – "History and foundations of Information Science". *Annual Review of Information Science and Technology*. Washington. 12 (1977) 249-275.

⁶ Sobre esta matéria, ver: SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda – *Op. cit.* Cap. 2, ponto 2.

⁷ A "escola" espanhola, personificada por José López YEPES e seus seguidores, é um exemplo paradigmático desta perspectiva.

⁸ Sobre a caracterização deste paradigma, no que respeita à Arquivística, ver: RIBEIRO, Fernanda – "Archival Science and changes in the paradigm". *Archival Science: international journal on recorded information*. Dordrecht [etc.]. ISSN 1389-0166. 1:3 (2001) 295-310.

⁹ Ver: SILVA, Armando Malheiro da [et al.] – *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação*. 2.ª ed. Porto: Edições Afrontamento, 2002. (Biblioteca das Ciências do Homem. Plural; 2). ISBN 972-36-0483-3. Vol. 1., p. 114-115.

¹⁰ Abriu oficialmente em 1887 na School of Library Economy.

¹¹ A Universidade de Chicago inicia, em 1926, o primeiro curso a conferir um grau de especialização (Graduate Library School) e, dois anos depois, o primeiro programa de doutoramento.

¹² É o caso, por exemplo, das Universidades de Chicago, Case Western Reserve e Pittsburgh.

¹³ A este propósito, ver, por exemplo: HARBO, Ole – "Towards a Danish LIS University". *Journal of Documentation*. London. ISSN 0022-0418. 56:1 (Jan. 2000) 5-11.

¹⁴ INTERNATIONAL COLLOQUIUM, London, 1987 – *Harmonisation of education and training programmes for library, information and archival personnel: proceedings...* Ed. by Ian M. Johnson [et al.]. München [etc.]: K. G. Saur, 1989. 2 vol. (IFLA Publications; 49, 50). ISBN 3-598-21780-3. ISBN 3-598-21779-X. Sobre

o assunto ver também: COUTURE, Carol – *La Formation et la recherche en Archivistique dans le monde: une étude comparative*. Colab. Jocelyne Martineau et Daniel Ducharme. Montréal: École de Bibliothéconomie et des Sciences de l'Information, Université de Montréal, 1999, p. 9-10.

¹⁵ Sobre este assunto ver um maior desenvolvimento em: SAUNDERS, W. L. – *Principes directeurs pour l'élaboration de programmes d'enseignement dans le domaine de l'information*. Paris: Unesco, 1978. (PGI-78/WS/27), p. 21-29.

¹⁶ COOK, Michael – *The Education and training of archivists: status report of archival training programmes and assessment of manpower needs*. Paris: Unesco, 1979 (PGI 79/CONF.604/COL.2); DELMAS, Bruno – *The Training of archivists: analysis of the study programmes of different countries and thoughts on the possibilities of harmonisation*. Paris: Unesco, 1979. (PGI-79/CONF.604/COL.1).

¹⁷ MEETING OF EXPERTS ON THE HARMONISATION OF ARCHIVAL TRAINING PROGRAMMES, Paris, 1979 – *Final report*. Paris: Unesco, 1980. (PGI-79/CONF.604/COL:7).

¹⁸ COOK, Michael – *Guidelines for curriculum development in records management and the administration of modern archives: a RAMP study*. Paris: Unesco, 1982. (PGI-82/WS/16).

¹⁹ COOK, Michael – *Guidelines on curriculum development in information technology for librarians, documentalists and archivists*. Paris: Unesco, 1986. (PGI-86/WS/26).

²⁰ COUTURE, Carol – *Op. cit.* p. 10.

²¹ Esta foi a posição defendida, por exemplo, pela conhecida arquivista alemã, Angelika MENNE-HARITZ, no Congresso Internacional de Arquivos, que teve lugar em Montréal, em 1992 (cf.: MENNE-HARITZ, Angelika – “Archival education: preparing the profession to meet the needs of society in the twenty-first century”. *Archivum*. München [etc.]. ISSN 006-6793. 39 (1994) 261-283), e também por Luciana DURANTI na intervenção apresentada na Mid-Atlantic Region Archives Conference, no mesmo ano (cf.: DURANTI, Luciana – “The Archival body of knowledge: archival theory, method, and practice, and graduate and continuing education”. *Journal of Education for Library and Information Science*. State College, Pa. ISSN 0748-5786. 34:1 (Winter 1993) 8-24).

²² EUROPEAN EXPERTS' MEETING ON ELECTRONIC RECORDS, The Hague, 1997 – *Proceedings*. The Hague: Rijksarchiefdienst, 1997.

²³ *Electronic access: archives in the new millennium: proceedings 3-4 June 1998*. London: Public Record Office, 1998.

²⁴ As experiências piloto decorreram no segundo semestre de 2001 na Netherlands Archiefschool, em Amsterdão, na University College of London (em parceria com a University of Northumbria, de Newcastle) e na Fachhochschule, em Potsdam.

²⁵ Ver: VALTONEN, Marjo [et al.] – “RECPRO: developing a European records management programme”. *Records Management Journal*. 8:3 (Dec. 1998) 55-61.

²⁶ Uma descrição detalhada deste curso foi objecto de uma comunicação de Thijs LAEVEN (representando a Netherlands Archiefschool) ao European Experts' Meeting on Electronic Records (18 de Junho de 1997, Haia), sob o título *Change of perspective: towards a new role for the records manager and the archivist*.

²⁷ O desenvolvimento previsto para o E-TERM a partir do curso holandês foi igualmente tema de duas comunicações ao DLM Forum '99, realizado em Outubro, em Bruxelas: uma da autoria de Thijs LAEVEN, em representação da Archiefschool de Amsterdão, intitulada *Dutch experience in digital records education and training: innovation and collaboration towards a European project*, e outra por Elizabeth SHEPHERD, da University College of London (U. K.), com o título *Report on the proposal for a European training project for administrators, archivists and information managers: E-TERM* – ver: DLM-FORUM ON ELECTRONIC RECORDS, Brussels, 1999 – *European citizens and electronic information: the memory of the Information Society: proceedings*. Luxembourg: European Communities, 2000. ISBN 92-828-8806-1. P. 237-249.

²⁸ <http://www.ucl.ac.uk/e-term>.

²⁹ De salientar que, no curso-piloto leccionado na University College of London, em Agosto de 2001, participaram duas pessoas da Universidade do Porto, com perfis diferenciados (uma arquivista e um informático).

³⁰ Da autoria de Thijs LAEVEN, a quem agradecemos a gentileza da sua cedência para inserir neste artigo.

³¹ A equipa do E-TERM tem procurado divulgar o curso e manter-se em colaboração para futuros eventuais desenvolvimentos. Nesse sentido, ainda durante a fase de concepção, o E-TERM foi objecto de uma comunicação, por parte do seu coordenador, Peter HORSMAN, na VI Conferência Europeia de Arquivos, que se realizou em Florença (Maio-Jun. de 2001); já depois de concluído, foi apresentado, também pelo coordenador, no DLM-Forum 2002, em Barcelona (Maio 2002) – ver: HORSMAN, Peter – *E-TERM and beyond: project overview*. In DLM-FORUM 2002, Barcelona – *@ccess and preservation of electronic information: best practices and solutions: proceedings*. Luxembourg: European Communities, 2002. ISBN 92-894-4415-0. P. 320-330.